



Toda ocasião de fechamento e divulgação de uma publicação periódica como a *Risco* traz consigo, invariavelmente, uma reflexão acerca do seu possível alcance, da capacidade de despertar interesse e contribuir para o incremento do debate e da pesquisa no horizonte disciplinar para o qual a princípio se destina. Sobretudo e a despeito das dificuldades que se exacerbam em sentido contrário, em particular nos dias que correm — marcados pelo avanço de estratégias de neutralização da dimensão crítica, de expansão voraz de uma agenda conservadora disposta a impôr limites ao pensável e ao dizível — a possibilidade de compartilhar ideias, objetos e pontos de vista diversos constitui, por si, uma oportunidade alvissareira a ser celebrada e defendida.

Desde uma perspectiva crítica, alguns temas candentes que perpassam a realidade contemporânea fazem-se presentes em alguns dos artigos reunidos nesta primeira edição da *Risco* de 2017, compondo praticamente um núcleo discursivo próprio. Tal núcleo articula-se em um arco que leva das considerações sobre a noção de paisagem na contemporaneidade às perspectivas de ação política, desde o campo da arquitetura, no mundo dos “fatos alternativos” e da “pós-verdade”.

O artigo *Townscapes y Contra Paisajes*, cuestiones de un urbano contemporáneo, de Carlos Tapia e Manoel Alves convida ao questionamento sobre a diferença entre o que denomina hiperbolicamente *Townscapes* e *Townscapes*. Igualmente entranhado no debate contemporâneo é o artigo de Rodrigo Firmino abordando a securitização, vigilância e territorialização em espaços públicos na cidade neoliberal, questão de enorme pertinência neste momento de cidades sitiadas e de militarização da vida pública mundo afora. Como arremates do núcleo não-oficial de leituras contemporâneas desta edição, estão uma bem-vinda abordagem sobre o pensamento e a obra do arquiteto norte-americano Lebbeus Woods, escassamente conhecido entre nós, de Bernardo da Silva Vieira, assim como um artigo de Maíra Cristo Daitx que põe em discussão a relação entre arquitetura e nomadismo.

Cinco outros textos conformam um bloco discursivo de caráter histórico e historiográfico. Esses textos levam os leitores da Paris do século XIX, visto a partir da sua representação literária na obra de Victor Hugo, de Amanda Carvalho Maia, ao interior argentino e à arquitetura dos moinhos e silos de armazenagem da Pampa úmida, de Adriana Collado, numa passagem mediada por uma análise acurada da arquitetura do Estado Novo no Portugal salazarista,

Figura (detalhe): Three-story house. J. Vilanova Artigas, architect. *The Architectural Forum*, Nova York, vol. 87, n.5, nov. 1947, p.94.

de Joana Brites, até desembarcar do Brasil numa interpretação de corte historiográfico acerca dos escritos do arquiteto paulista João Batista Vilanova Artigas, de Fernando Guillermo Vázquez Ramos, Ana Paula Koury e Michelle Duarte Bispo, assim como nas intenções de projeto e conjuntura da cidade em cinco edifícios no Brasil, de Samir Set El Banate e Manoel Lemes da Silva Neto.

Compõe também a perspectiva crítica, o trabalho publicado originalmente no Places Journal e aqui traduzido para a seção Ponto Crítico da revista realça a ascensão de figuras como Donald Trump, tema do artigo de Jeremy Till.

Contribuições fundamentais a construção do conjunto dos artigos são as entrevistas realizadas com Steven K. Peterson, Roberto Fernández e

Grahame Shane. Estas entrevistas compõe um conjunto articulado que nos convidam a articular uma diversidade de pensamentos arquitetônicos que providenciem aberturas, tanto pelo que dizem como pela maneira que empregam a linguagem para dizê-lo.

E ficamos por aqui, já envolvidos na preparação de nossa próxima edição na esperança de que, a despeito do que a realidade imediata nos tem trazido cotidianamente nesses tempos de retrocesso político e social, apesar disso, apesar de tudo, amanhã há de ser outro dia!

Ótima leitura!

Editores: Tomás Antonio Moreira e Francisco Sales Trajano Filho